

Montagem de folhas secas com bordados, na oficina Mensagens para a Terra, realizada em setembro de 2019, em escola de Fortaleza. Fonte: Acervo do autor.

João Miguel Diógenes de Araújo Lima
Mestrado em Sociologia pela Universidade Federal do Ceará/UFC. Pesquisador do Laboratório Artes e Micropolíticas Urbanas desde 2017 (LAMUR/PPGArtes/ICA/UFC). Bacharelado em Ciências Sociais da mesma instituição. Atua como pesquisador interdisciplinar, interessado nos encontros entre cidade, meio ambiente, artes e universidade. .
jmlimabr@gmail.com
<https://orcid.org/0000-0002-4768-7589>

Conviver com as cidades, tornar-se com as plantas

Living together within Cities, Becoming Plants

Resumo: Este texto compartilha experimentações e proposições entre caminhar e fotografar (n)a cidade, junto a plantas, árvores e folhas secas, num processo de investigação com as artes que teve duração de 2014 a 2019, em Fortaleza, Ceará. Na intenção de mobilizar saberes do corpo e interferir nos modos como somos cidades, no contexto de uma crise ecológica, a pesquisa abrange plantas que brotam pelo concreto – “ocupadeiras” – e a coleta de folhas secas usadas em bordados, que se desdobraram em processos de criação, com convites à experimentação e à partilha, numa poética de encontros, intervenções, oficinas de bordado em folhas e caminhadas.

Palavras-chave: Caminhada; Cidade; Processo de criação; Crise ecológica.

Abstract: *This text presents experiments and propositions in the arts, of walking and photographing (in) the city, along with plants, trees and dry leaves, in a process of investigation in art that took place in Fortaleza, Ceará, Brazil, from 2014 to 2019. With the intention of mobilizing knowledge about the body and interfering in the ways we become cities, in the context of an ecological crisis, the research deals with plants that sprout through the cracks in the concrete – “ocupadeiras”[occupiers] –, and a collection of dry leaves used for embroidery, which then unfold into processes of creation, with invitations to experiment and share in a poetics of gathering, intervention, leaf embroidery workshops and walks*

Keywords: *Walk; City; Process of creation; Ecological crisis.*

No caminhar pela cidade, os sentidos do corpo são intensamente convocados. Este texto compartilha experimentações entre caminhar e fotografar (n)a cidade, junto a plantas, árvores e folhas, num processo de investigação que teve início em 2014, em Fortaleza (CE), movido pela intenção de desenvolver saberes do corpo e interferir nos modos como somos cidades. Com as “ocupadeiras” – plantas que brotam através do concreto – e com as folhas secas que caem e se amontoam, como matéria de poesia, as proposições se desdobraram, lançando convites à experimentação e à colaboração com acervos fotográficos online, expandindo-se em encontros, oficinas de bordado em folhas e caminhadas.

Prelúdio

Em 3 de março de 2002, na primeira dobra da capa do jornal Folha de S. Paulo se podia ver a fotografia de árvores quaresmeiras na Avenida 23 de Maio, em São Paulo-SP. As árvores tinham chamado a atenção de moradores por estarem florindo com mais frequência e com maior intensidade naqueles últimos meses, esbanjando viçosas flores de cor rosa.

Biólogos e engenheiros, entrevistados na matéria, atribuíram a mudança de comportamento na floração a um estresse induzido pela poluição do ar. A chamada da matéria resumia: **Árvores estressadas dão mais flores em SP**¹. Luiz Rodolfo Keller, um dos biólogos consultados, concluiu que “[...] as plantas estressadas sabem que terão vida mais curta e produzem mais flores para garantir mais sementes” (BIANCARELLI, 2002, p. 11) e, assim, mais descendentes. Mario Mantovani, então presidente da Fundação SOS Mata Atlântica, disse que “A florada das quaresmeiras é como se fosse o último grito do verde da cidade”.

[1] A reportagem está disponível em: < <https://www1.folha.uol.com.br/fsp/cotidian/ff0303200226.htm> >

A imagem das quaresmeiras, mesmo na distância geográfica, também me afetou: recortei o pedaço de jornal e ainda o mantenho. A beleza intrigante das árvores, que ultrapassou o calendário, reverberou nos transeuntes; enquanto a ação humana na cidade de São Paulo reverberou no comportamento da árvore: suas flores eram vontade de viver.

De modo semelhante às quaresmeiras, estresse, preocupação com o futuro também nos ocupam, em decorrência da chamada crise ecológica, porque reverbera de uma vontade de viver. Nas últimas décadas, “[...] encontramos referências à situação ambiental para onde quer que se vire, frequentemente dizendo que temos de fazer alguma coisa a respeito (e rápido!)” (CAO, 2015, p. 1²).

Essa problemática também tem interessado às artes pelas intensidades que ativam, como nas intervenções, ilustrações e nos projetos arquitetônicos de Hundertwasser; no jardim *Time Landscape*, cultivado inicialmente por Alan Sonfist na cidade de Nova York a partir de 1965; na intervenção coletiva *7000 Oaks*, proposta por Joseph Beuys e iniciada em 1982; e no mapeamento *Ervas sp*, de Laura Lydia, na cidade de São Paulo, em 2010, entre muitos outros. Nesses trabalhos de intervenção, forças, coisas e seres, como a umidade, as rochas e as árvores, “[...] entram no processo de fazer a obra como coautores, trazendo suas especificidades de tempo” (LIMA, 2018a, p. 118). Nesse emaranhado, interferências mútuas se processam na duração, no espaço-tempo, “[...] numa multiplicidade que muda necessariamente de natureza à medida que ela aumenta suas conexões” (DELEUZE; GUATTARI, 1995, p. 17).

Com as artes e as plantas, esses espaços – inventados ou reinventados – abrem-se para a visita, a moradia e a caminhada, para a observação e o encontro.

As plantas, nesse aspecto, dispõem da singular sabedoria de criar conexões, “[...] inclusive quando elas são de raízes, há sempre um fora onde elas fazem rizoma com algo – com o vento, com um animal, com o homem (e também um aspecto pelo qual os próprios animais fazem rizoma, e os homens etc.)” (DELEUZE; GUATTARI, 1995, p. 20). Há sempre uma conexão possível, um encontro a ser feito. Este texto intenciona passear por conexões entre seres humanos e seres não humanos, particularmente as plantas, as árvores e suas folhas, e seus encontros. É uma escrita que inventa enquanto rememora e compartilha modos de estar e conviver com outras pessoas sensíveis a plantas e folhas, interessadas em experimentar com o corpo uma conexão entre plantas, as artes e a cidade.

Que multiplicidades podemos constituir ao conectar árvores, plantas e folhas, as artes e a cidade? O que criam e provocam as poéticas que se constroem com as plantas nas cidades? Considerando ainda que “[...] o porvir da humanidade parece inseparável do devir urbano” (GUATTARI, 1992, p. 170), que transformações suscitam uma árvore que grita, uma planta que ocupa e uma folha que cai na cidade?

Caminha-se por uma abordagem micropolítica, interessada em analisar os movimentos que transbordam e os devires, o desejo e suas afecções (DELEUZE; GUATTARI, 1995; GUATTARI; ROLNIK, 1996). Colaborações e encontros com as artes, que se deram em íntima relação com a cidade de Fortaleza, Ceará, de 2014 a 2019, experimentando modos de ver, ouvir, dizer e sentir com o objetivo de criar um território existencial de encontros transdisciplinares entre as artes e os ativismos e seus fluxos de saberes e fazeres.

Escrevo sobre essas experimentações como quem convida

[2] Versão em inglês do texto citado: “[...] we find references to the state of the environment everywhere we turn, often telling us we need to do something about it (and fast!)”.

[3] Teve início como uma proposição dentro do projeto de pesquisa Arte | Espaço Comum | IntenCidades (2014-2016), coordenado pela professora Deisimer Gorczewski na Universidade Federal do Ceará.

[4] Com essas proposições, atualmente integro o projeto de pesquisa *Fortalezas Sensíveis*, iniciado em 2017, junto ao Laboratório Artes e Micropolíticas Urbanas – LAMUR (UFC).

[5] Refiro-me à construção de viadutos nas avenidas Antônio Sales e Engenheiro Santana Junior, ao lado do Parque Estadual do Cocó de Fortaleza (sobre isso, ver: < <https://www.fortaleza.ce.gov.br/noticias/prefeitura-inicia-construcao-de-dois-viadutos-na-antonio-sales-com> >; à retirada de canteiros centrais das avenidas Santos Dumont e Dom Luiz para a viabilização de um circuito binário de fluxo de veículos; [...]

a caminhar pela cidade. O texto não está organizado numa ordem cronológica exata, pois as experiências estão agrupadas por tema e modo de proposição. Na primeira seção do texto, *Caminhar na cidade: descobrir o chão e voar*, discuto o caminhar na cidade e, particularmente, como uma experiência enquanto ativista despertou o desejo de acompanhar plantas e colher folhas secas. A seção seguinte, *Ocupadeiras e coleções colaborativas*, analisa abordagens fotográficas às plantas ocupadeiras, enquanto a seção *Folhas, bordado e oficinas* se dedica às experiências com folhas secas, abrangendo criações individuais e os momentos coletivos de oficina. Em *Plantas, caminhar-conversar e Conversações*, a preocupação foi de apresentar andanças e conversas pela cidade de Fortaleza, movidas pelo interesse por plantas, seja na perspectiva ativista ou artística, apontando em seguida algumas considerações.

Caminhar na cidade: descobrir o chão e voar

No caminhar pela cidade, essas “imensas máquinas [...] produtoras de subjetividade individual e coletiva” (GUATTARI, 1992, p. 172), os sentidos do corpo são intensamente convocados. E a cidade de Fortaleza é a imensa máquina com que convivi. Plantas, árvores e folhas chamaram a minha atenção, demandando a produção de sensibilidades com a cidade, ao longo de um processo de investigação com as artes que teve início em 2014³ e que segue em desdobramentos⁴ até o momento desta escrita.

Nessa pesquisa, chamada *Entre árvores e sombra, entre plantas e folhas secas*, os principais movimentos foram de caminhar e fotografar (n)a cidade, coletar folhas e bordar nelas. Mas essas experimentações não começaram como a pesquisa; elas se tornaram pesquisa depois, já em andamento.

270

PARALELO31

ISSN: 2358-2529

Na verdade, desdobraram-se de uma experiência ativista anterior, participando de mobilizações ambientalistas em Fortaleza, principalmente em torno do rio Cocó e de seu manguezal, a partir de 2007.

Nos anos de 2013 e 2014, três projetos de remodelação viária⁵ foram colocados adiante pela administração municipal como solução para os congestionamentos de veículos. Para a viabilização dessas obras, dezenas de árvores seriam retiradas, e isso despertou críticas e protestos de arquitetos urbanistas, coletivos e associações. Dentre elas, ressalto a construção de viadutos no encontro das avenidas Antônio Sales e Engenheiro Santana Junior, ao lado do Parque Ecológico do Cocó⁶, em Fortaleza, que demandava o corte de noventa e quatro árvores para viabilizar a obra.

No dia 12 de julho de 2013, quando uma equipe contratada pela Prefeitura de Fortaleza estava perto de concluir o corte dessas árvores dentro da área demarcada do parque, um grupo de dez manifestantes adentrou o local e se colocou à frente das árvores restantes, paralisando o processo. Jogaram tinta vermelha sobre os troncos cortados e as toras de árvore. Eles também pintaram partes de seus próprios corpos de vermelho e, em seguida, posaram para fotos, performando uma morte coletiva de corpos humanos e arbóreos⁷.

A difusão das imagens ampliou a contestação à obra e motivou uma ocupação⁸ de manifestantes dentro do parque, com a “[...] emergência do direito à cidade nos discursos do movimento [...] em que pesem as contingências impostas pelo modelo dominante na produção do espaço urbano” (RODRIGUES, 2016, p. 73). A ocupação-acampamento seguiu por oitenta e quatro dias, até uma violenta ação por parte da polícia⁹.

edição 18 • junho de 2022

João Miguel Diógenes de Araújo Lima

Artigo recebido em 17 mar. 2022 e aprovado em 25 mar. 2022

[...] e à remodelação da praça Portugal, no bairro Aldeota (sobre isso, ver: <https://diariodonordeste.verdesmares.com.br/editorias/metro/online/seuma-autoriza-retirada-de-arvores-para-a-implantacao-de-binarios-na-aldeota-1.993172>).

[6] Criado por decreto estadual em 1989, o parque abrange um trecho do rio Cocó, sua floresta manguezal e um campo de dunas. Em 2016, passou por um processo de regulamentação e expansão, concluído em 2017, conferindo ao parque 1.571 hectares de área protegida

[7] É possível conferir essas fotografias na galeria online do jornal O Povo: < https://www20.opovo.com.br/app/galeria/2013/07/12/interna_galeria_fotos_971/imagens-de-protesto-contra-derrubada-de-arvores-no-coco.shtml >

271

[8] A ocupação-acampamento OcupaCocó aconteceu do final de julho ao começo de outubro de 2013, na sequência dos protestos que ficaram conhecidos como Jornadas de Junho no Brasil, inspirado pelos movimentos *Occupy*. Para um apanhado geral da ocupação, das disputas judiciais e da desocupação, ver o trabalho de Rodrigues (2016).

[9] O corte das árvores foi retomado, a obra dos viadutos foi iniciada em 2013 e concluída no final de 2014.

Além da imagem das árvores “ensanguentadas”, também provocou ressonâncias a fotografia do tronco cortado de uma castanholeira, com um broto renascendo da borda. Essa imagem, a propósito, compôs a capa de uma zine¹⁰, produzida coletivamente na ocupação, por acampados e visitantes, de 3 de agosto de 2013, e com textos, desenhos, fotografias e artigos de jornal. Junto à foto da capa, o recorte de uma frase datilografada: “castanholeira cortada pela prefeitura começa a brotar no parque do cocó”.

Para Wellington Cançado (2017), as árvores urbanas sofrem o mesmo desprezo e a mesma intolerância que os cidadãos concedem às florestas nativas, vítimas da tirania da mononatureza reinante. Como trazer para a conversa as árvores que se estressam, gritam, sangram e renascem? Essas questões podem surgir sem o amparo de palavras, questões e respostas podem ser suscitadas no corpo em movimento pela cidade, em andanças, sensível à presença e à ausência de corpos arbóreos e seus despojos.

Nos meses seguintes, observei as árvores com mais atenção, procurei me observar observando e se outros ao meu redor também faziam isso. Em meu habitual ponto de ônibus, por exemplo, contra o sol escaldante da espera, apenas o poste de eletricidade e duas árvores de jasmim-manga propiciavam réstias de sombra. No início de dezembro de 2013, uma das árvores foi cortada. Para minha surpresa, na semana seguinte, já brotava um novo ramo no tronco cortado. Novamente um broto de um tronco cortado.

Ao invés de um desligamento seletivo dos sentidos do corpo frente à profusão de “estímulos” (SIMMEL, 1973), caminhar nas cidades requer a ativação de sensibilidades e a prática do

espaço urbano. Tal como o *flâneur* de Walter Benjamin (1989), habitante da cidade que caminha ao sabor das ruas, precisa de espaço livre e quer distância das normas. Entendendo que o ambiente urbano interfere no estado psíquico e emocional das pessoas, a deriva (JACQUES, 2012) emerge como uma prática de rotas que são criadas enquanto se caminha, onde se busca conhecer os motivos que impulsionam o movimento.

Tendo o caminhar como prática estética que configura paisagens e que se torna um modo autônomo de arte (CARERI, 2013), as errâncias revisitam a *flânerie* e a deriva, como “[...] microdesvios da lógica espetacular dominante – e, sobretudo, das narrativas errantes (micronarrativas)” (JACQUES, 2012, p. 308). Caminhando, fomenta-se uma intimidade com a cidade, que só é possível no convívio com ruas e calçadas.

Quem caminha pela cidade com pressa pode não perceber a presença de plantas que brotam de rachaduras das calçadas, que renascem de troncos cortados, que crescem nos cantos das paredes. Caminhar com os sentidos do corpo abre possibilidades de se “[...] fazer botânica no asfalto” (BENJAMIN, 1989, p. 35). Depois que o corpo aprende, parece impossível deixar de vê-las. Elas já estavam lá, mas agora haviam se tornado visíveis, ocupando um lugar, compondo a paisagem urbana: no alto do telhado, de dentro do bueiro, no rejunte de lajotas; às vezes com flores, algumas delas se tornam arbustos e até árvores. Chamei-as de “ocupadeiras”, plantas que abrem passagem e ocupam, no seu tempo, no seu ritmo.

Nessas calçadas também se encontram folhas secas, caídas, que se acumulam no pavimento, impedidas de se decompor no solo. Símbolo de abandono, costumam ser varridas como lixo. Assim, tornam-se despojos, o que não tem serventia, o

[10] Zines são publicações que podem ser artesanais ou computadorizadas, de autoria individual ou coletiva, com textos, fotografias, desenhos etc. Originalmente chamado fanzine (do inglês *fanzine magazine*), zines são associados à noção do “faça você mesmo”, e costumam ter reprodução em fotocópias. São também fontes documentais, para estudar momentos históricos, relações sociais e afetivas (MEIRELES, 2013).

que não se quer..., porém “cada coisa sem préstimo tem seu lugar na poesia”, como disse Manoel de Barros (2017, p. 12). E foi também Manoel de Barros (2009, p. 11) quem sugeriu que no “achamento do chão também foram descobertas as origens do vôo”.

Em 2014, vagarosamente comecei a fotografar ocupadeiras e coletar folhas secas que observava pelas calçadas onde passava. Essas práticas se desdobraram e se multiplicaram em produções e ações de arte relacional. Junto a manifestações ambientalistas, grupos de pesquisa, intervenções artísticas e redes sociais online, teci uma rede de aproximações com ativistas e artistas-pesquisadores que, de diferentes modos, estabeleciam relações com plantas e árvores, em movimentos pela universidade e espaços culturais, em parques e praças da cidade.

Ocupadeiras e as coleções colaborativas

Arbustos que renasciam de troncos cortados, plantas que brotam de rachaduras das calçadas, que crescem nos cantos das paredes, ocupando locais que nós, humanos, não planejamos para elas – são os assuntos das primeiras fotografias do projeto.

Por conta dessa subversão, desse “contradesign” (LIMA, 2018b), costumam ter vidas efêmeras, abreviadas pelo corte. São também chamadas de ervas daninhas – *weeds* em inglês, *malas yerbas* em espanhol. A elas costuma-se atribuir uma noção de dano, de impacto negativo. Outro termo para se referir a elas é de ruderais, plantas que nascem em entulho, terrenos baldios, construções abandonadas, espaços que passaram por interferência humana. No asfalto, cimento ou concreto, criam fissuras e crescem por essas estruturas.



Figura 1. *Ocupadeiras*, 2016 - 2017.
Fonte: Acervo do autor

[11] Nesse sentido, argumentam que há abordagem equivocada na literatura taxonômica ligada à agricultura, em que espécies consideradas daninhas são tomadas como invasoras. Embora na lavoura muitas espécies sejam invasoras, as plantas nativas, mesmo que contrariem os interesses de agricultores, não poderiam ser chamadas invasoras.

[12] Tradução a partir do inglês: “New scientific research showing that plants and trees communicate and behave in ways that engender forest diversity, community, health, productivity, adaptability, resilience - even equanimity (or stability)”.

Os termos “ervas daninhas” e “espécies daninhas” são terminologias antropocêntricas e se referem a plantas que vão contra os interesses humanos, crescendo “[...] onde não são desejadas pelas pessoas e seu uso é de sentido bastante prático, e não ecológico. Uma planta desejada em um local pode ser indesejada em outro e, nesse local indesejado, será considerada daninha”¹¹ (MORO *et al.*, 2012, p. 994). Já “espécies ruderais” é um termo ecológico; podem ser nativas ou exóticas e são “resistentes aos impactos antrópicos e que ocorrem em áreas degradadas” (MORO *et al.*, 2012, p. 994), como aquelas que proliferam em construções e espaços abandonados por humanos.

São plantas que querem viver e ocupam a paisagem. Elas se tornam plantas “ocupadeiras” e fazem crer que há também um ativismo não humano, das plantas, embora mais silencioso. Ocupam o espaço físico e também o espaço imaginário para nos mostrar que as cidades “[...] não são um ambiente inatural, mas sim transformações da natureza selvagem feitas pelo homem” (SPIRN, 1995, p. 20).

Para a ecologista Suzanne Simard, vivemos um paradigma segundo o qual o homem é separado da natureza, e que só o homem é sentiente. Em sua pesquisa, mostra “[...] que plantas e árvores se comunicam e se comportam em modos que geram diversidade florestal, comunidade, saúde, produtividade, adaptabilidade, resiliência – até mesmo equanimidade (ou estabilidade)” (SIMARD, 2015, p. 8, tradução minha)¹², em conexões químicas numa simbiose entre fungos e plantas. Encontros que potencializam a vida.

Desse modo, a agência da natureza está sempre em busca de dar vazão, inclusive na cidade. Era isso que a castanholeira do Parque do Cocó e o jasmim-manga do ponto de ônibus

estavam a dizer. As ocupadeiras são a vida que pulsa, que brota, existe e resiste.

Comecei a fotografar ocupadeiras, nos meus trajetos cotidianos na cidade de Fortaleza, principalmente a pé durante o dia, perto de casa ou do trabalho, sacando o celular da mochila, às vezes olhando para os lados com certa cautela.

Assim, teve início o projeto fotográfico Ocupadeiras na plataforma Instagram, a partir do perfil @pireytchons. Nas ruas, o olhar aos poucos se direcionou para essas plantas já quase sem esforço. Havia vida transbordando por toda parte, e o desejo era proliferar, compartilhando as imagens.

A plataforma Instagram, depois que se publica uma imagem com uma *hashtag*, cria uma janela – que pode também ser acessada diretamente, com um link –, congregando todas as imagens que receberam a mesma identificação. Utilizando a *hashtag* #ocupadeiras, lançando um convite aberto a amigos e familiares para quem quisesse se envolver nessa atividade em seus cotidianos, publicando fotos das plantas que encontrassem. Gradualmente houve um retorno positivo dos “seguidores”¹³ do meu perfil, que indicaram locais na cidade que haviam percorrido, onde eu poderia encontrar ocupadeiras; enviaram fotografias que haviam feito de plantas; e alguns também publicaram em seus perfis. Envolveram-se, estavam de corpo na rua, com os sentidos ativados. Um colaborador disse que se tornara “impossível deixar de ver” as ocupadeiras; outra colaboradora comentou que via ocupadeiras “em todo canto”. Na medida em que novas fotografias foram publicadas com a *hashtag*, formou-se também uma coleção acessível ao público, construída coletivamente, a partir de encontros cotidianos de humanos e plantas.

[13] Plataforma de publicação de fotografias e vídeos permanentes e temporários em perfis, que podem ser públicos ou privados, permitindo a criação de redes entre “seguidores”. As publicações podem ser “curtidas” e comentadas e, nos perfis públicos, e compartilhadas. Também é possível marcar as publicações com “*hashtags*”, que criam etiquetas comuns para as imagens.

[14] O acervo pode ser visualizado pelo buscador do aplicativo Instagram com a hashtag #ocupadeiras ou por meio do link <https://www.instagram.com/explore/tags/ocupadeiras/>

[15] Trata-se de uma pequena página que pode ser acessada por <http://bit.ly/museu-ocupadeiras>

A partir dessas fotografias, passei a conhecer outros perfis no Instagram pelo mundo que também se dedicam às ervas daninhas/ruderais, e inclusive alguns deles fazem a identificação botânica das espécies. Outras *hashtags* utilizadas são, por exemplo, #arvorexiste, #botanarchy [corruptela em inglês para “anarquia botânica”] e #lavidaseabrepaso [em espanhol para “a vida abre passagem”]. Desse modo, pude me inserir numa rede de conexões com fotógrafos de plantas urbanas em Fortaleza, em outras cidades do Brasil e espalhados pelo mundo. Agregando as *hashtags* #ocupadeiras e #botanarchy, a fotografia de uma pequena *ficus benjamina* num muro de Fortaleza poderia ser mais facilmente conhecida por alguém conhecedor da *hashtag* #botanarchy na França ou nos Estados Unidos.

Em quatro anos, constituiu-se um acervo de mais de cento e trinta fotografias¹⁴ a partir do uso da *hashtag* #ocupadeiras. Uma coleção colaborativa de fotografias de plantas em simbiose com edificações. No meio de onde a cidade acontece, lá está uma planta e lá estava uma pessoa a fotografá-la.

Dessa rede de conexões, surgiram dois desdobramentos. O primeiro foi o *Museu Colaborativo das Ocupadeiras*, um mapeamento online¹⁵ bilíngue (português e inglês) de *hashtags* e projetos de fotografia de plantas urbanas na plataforma Instagram e em outras plataformas. E o segundo se deu no mês de setembro de 2018, quando aconteceu a minixposição *Museu Colaborativo das Ocupadeiras* na Menor Galeria de Fortaleza, que funciona no espaço alternativo Matinê. Em vinte e seis fotografias, das quais oito foram feitas por outras pessoas, colaboradoras do projeto, entre elas outros pesquisadores do LAMUR, o mural materializou olhares que se fizeram atentos para confabular cidades, numa coleção que aproximou Fortaleza e Nova York, Salvador, Natal e a Cidade do México.

Folhas, bordado e oficinas

Em paralelo à coleção de fotografias de ocupadeiras, dei início a uma coleção de folhas secas. Sem muito planejamento, em 2014, comecei a coletar folhas que encontrava pelas ruas, enquanto caminhava. Um acervo em decomposição ia, certamente, aos poucos se esvaír. As folhas chamavam a atenção pela cor, formato ou pelo modo como se esparramavam pelo chão.

Escondida sob camadas de concreto, na cidade, poucos são os espaços que permitem pisar a terra diretamente. As cidades se projetam sobre dunas, rios e lagoas, constituindo superfícies impermeáveis, e as árvores continuam crescendo e renovando suas folhagens, que se acumulam sobre o pavimento, como sinais de abandono. O nome dessa camada de folhas secas amontoadas é serapilheira (ou serrapilheira), uma camada fértil de material orgânico em decomposição. Esse

[...] ciclo biogeoquímico (fluxo de nutrientes no sistema solo-planta-solo) [...], juntamente com o bioquímico (circulação de nutrientes no interior da planta), permite que as árvores da floresta possam sintetizar a matéria orgânica através da fotossíntese, reciclando principalmente os nutrientes (SCHUMACHER *et al.*, 2004, p. 30).

Nas cidades, esses ciclos são interrompidos, e elas devem ser varridas como lixo. Despojos, aquilo que não se quer. Despojos urbanos desimportantes. Considerando que se torna matéria de poesia aquilo que não tem valor e que rejeitamos, pisamos e mijamos em cima (BARROS, 2007), me coloquei a coletar essas folhas e aprendi a acompanhar seus processos de decomposição. Recolhi dezenas para acompanhar a mutação delas em casa, de perto. No perecimento, mudam cores, cheiros e formatos, até de um dia para o outro. Com os dedos, é possível sentir as mudanças de

[16] Trago como sugestão de leitura o trabalho desenvolvido por Susana Dias (2018) e alunos na UNICAMP, que criaram os cadernos-chão-de-floresta: “Uma proposta de experimentar o chão-de-floresta como parceiro da escrita e criação. Onde escrever é sempre intervir brevemente. Gesto que exige lembrar que a floresta sempre foi nossa aliada, e que, se há uma parceria com ela a ser construída, trata-se de nos desprendermos das presunções de excepcionalidade e superioridade dos humanos, desapegando de tudo que se quer fixo e que paralisa. Um chamado constante a nos lançarmos de improviso ao mundo, transmutarmos formas e hábitos e abriremos um errância para sabe-se lá o quê”. Fotografias dos cadernos podem ser vistas online

[17] Com Wilma Farias, artista e produtora, e Aleksandra da Nóbrega, professora.

suas texturas. Quando caem, sem elos com as árvores ou arbustos, as folhas estão mortas, mas, ainda assim, contêm movimento, retorcem-se, prestes a se tornarem outras coisas. E com elas tenho realizado experimentações até o momento desta escrita¹⁶, principalmente com bordado. A maior dificuldade de bordar em folhas secas é o risco de rasgá-las. Para evitar isso, paciência e cuidado são necessários, com gestos de firme leveza— porém eventualmente rasgá-las também faz parte da experiência.

Uma das primeiras produções foi bordar os verbos “perecer” e “renovar”, elementos de um mesmo movimento de devir, numa folha seca, em 2015 (figura). Outro trabalho se chama *Eu espero o tempo que for* (Figura 2) e consiste em acompanhar as transformações e o perecimento de duas folhas de árvores de espécies diferentes, que receberam a frase “Eu espero o tempo que for” costurada com linha vermelha.

O dia número um foi 25 de março de 2015; e, desde então, passou cinco anos. As duas folhas foram acompanhadas com fotografias, em que se percebe o retorcimento e a mudança de cor e da textura das folhas (Figura 3). A atuação de um verme e poeira foram elementos adicionais de transformação das folhas, que aos poucos perdem a frase de promessa de amor, que se desfaz, decompõe-se – e pode se transformar em outras coisas. De início, eram encontros meus com plantas e folhas, que logo se tornaram mais coletivos, baseadas na premissa do encontro para que pudesse acontecer.

Em outubro de 2015, ainda no início dessas experimentações, foi realizada uma sessão de criação¹⁷ de bordados em folhas secas na praça da Gentilândia, bairro Benfica da Fortaleza. Elas sabiam bordar; a novidade para elas foi a folha seca como suporte. Coletamos as folhas na própria praça e sentamos num

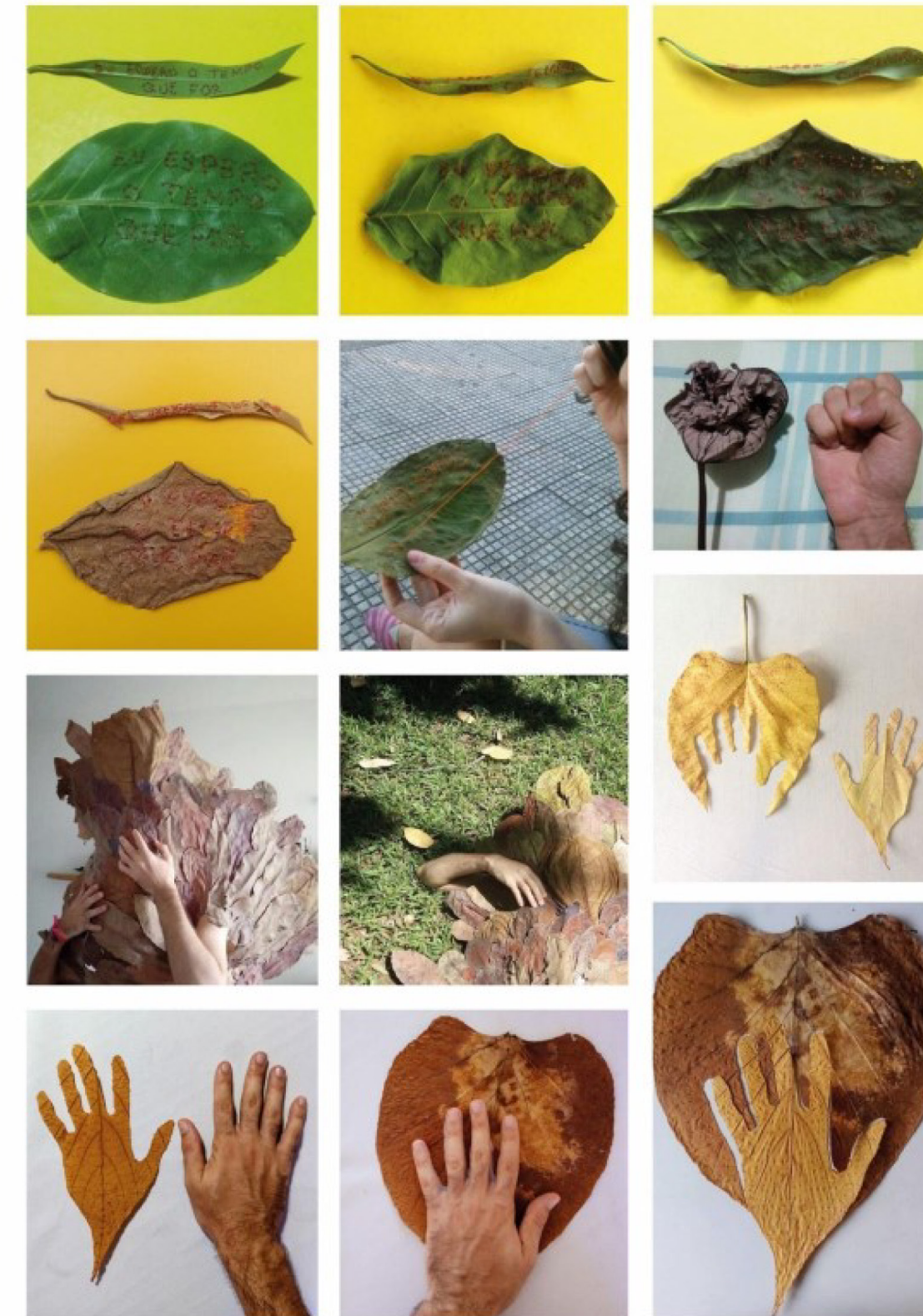


Figura 2. Experimentação: *Eu espero o tempo que for* (2015 -): (acima) Sessão de criação com bordado em folhas, 2015; (no centro) Tecido de folhas, 2015-16, e (abaixo) Experimentações com folhas, 2017. Fonte: Acervo do autor.

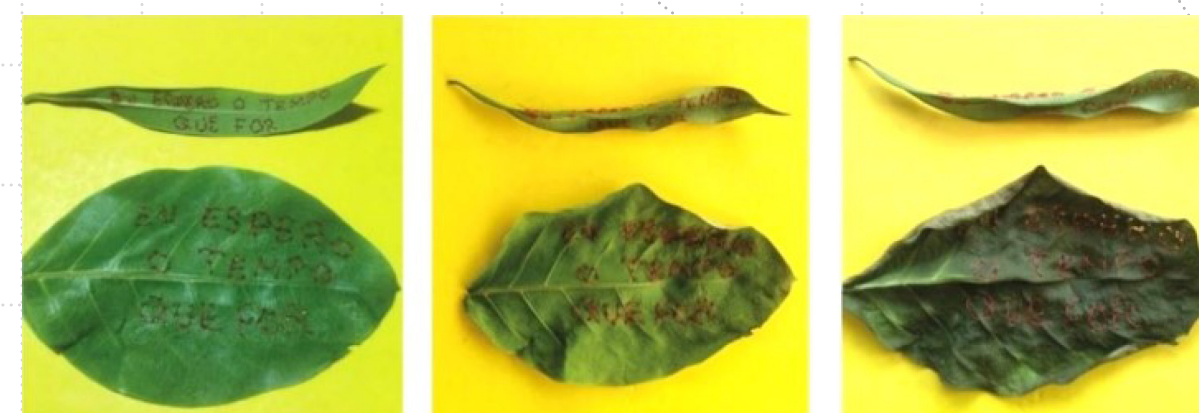


Figura 3. Detalhe Figura 2: Folhas bordadas do *Eu espero o tempo que for* (2015 - presente).



Figura 4. Detalhe Figura 2: “Tecido” de folhas.



Figura 5. Oficina na Matiné, 2018,
Foto: Utilizada com permissão de Carlos Weiber.

banco, conversando sobre nossas relações com a natureza na cidade. Perguntamo-nos “Como somos natureza?” e “Como somos cidade?”, que se tornaram frases bordadas em folhas e costuradas a uma árvore da praça ao final do encontro.

Naquele mesmo ano, começou a composição de um “tecido” de folhas, coletadas nas ruas, costuradas umas às outras (Figura 4), que se trata de um trabalho em processo durante quase dois anos, somando mais de cento e quarenta folhas de espécies e tamanhos diferentes, algumas pintadas com tinta acrílica. Outras foram sobrepostas e amarradas pela linha da costura, compondo, com as folhas, um tecido. Ao tomar maior proporção, o tecido podia cobrir e vestir o corpo, tal qual uma segunda pele – de despojos urbanos.

Um dos conceitos forjados por Friedensreich Hundertwasser, (artista mencionado acima), é o de que nós somos cinco peles (*five skins*), indissociáveis: a epiderme, as roupas, as casas, as “identidades” (que ele entende como família, país, natureza e outras pessoas), e, por fim, a terra e o universo (RESTANY, 2003). Da primeira à quinta pele, nossas peles vão se tornando compartilhadas, tornam-se mais coletivas, envolvendo humanos e não humanos, água, minerais. Então, eu me vesti, envolvi-me com as folhas e experimentei outra pele, num devir cidade: folhas sobre pele, cidade sobre pele, formando uma frágil composição em decomposição, até rasgar, em 2017.

Ao compartilhar imagens e textos acerca dessas produções na Internet, recebia perguntas interessadas nos procedimentos com as folhas, o tamanho da agulha e pontos de bordado. Por esse motivo, retomei no final de 2018 a ideia do momento presencial e coletivo do bordado em folhas secas. Propus uma

oficina para o espaço alternativo *Matinê* (Figura 5), onde havia realizado a exposição *Museu Colaborativo das Ocupadeiras*, para uma manhã de sábado de novembro. Oito pessoas participaram, e comecei contando minhas histórias com o Parque do Cocó. Em seguida, fiz circular algumas folhas bordadas, antes de distribuir folhas para que eles fizessem as suas próprias, na proposta de bordarem palavras. Embora cada qual tivesse um nível diferente de destreza no bordado em peças têxteis, todos estavam nivelados pelo mesmo desafio de impor leve firmeza no toque, no gesto de segurar a folha. Em maio de 2019, propus facilitar uma nova oficina como contrapartida. À época experimentava com Salvia Braga e Deisimer Gorczewski, outras integrantes do LAMUR, uma rede de trocas de plantas, vasos, terra, sementes, dicas e histórias com plantas, chamada *Coop.Muse*, ou *Cooperativa de Mudas e Sementes*. Reunindo algumas ocupadeiras em vasos, queríamos colocá-las ao lado de vasos de suculentas e experimentar uma situação de venda. Para a Feira Agroecológica do Benfica, realizada aos sábados, a cada quinze dias, na praça João Gentil, bairro Benfica de Fortaleza, fizemos uma proposta “casada”: a venda de plantas e a oficina de bordado em folhas secas. Abrindo um tecido comprido no chão da praça, rodeados pelas barracas dos feirantes, esperamos interessados (Figura 6). A oficina atraiu 15 participantes, sendo cinco adultos e dez crianças. Além do desafio previsto do manuseio das folhas, a oficina foi bastante singular pelo movimento da feira e sua paisagem sonora, e pelas diferenças de relação com o tempo e com as folhas, por parte das crianças e dos adultos, num momento permeado por conversas e bordados de verbos, nomes e figuras.



Figura 6. Oficina na Feira Agroecológica do Benfica, Fortaleza, 2019.
Foto: Autor.



Figura 7. Oficina com turma de Design de Moda, 2019.
Foto: Autor.

As fotografias da oficina, divulgadas nas redes sociais, fizeram surgir dois convites para facilitar oficinas no mês de junho. Uma ocorreu com um grupo de estudos de arte e intervenção urbana, coordenado pela professora Glória Diógenes (UFC). Realizada em sua casa, em torno de uma mesa, a oficina possibilitou trocas com os artistas-pesquisadores e resultou em bordados de palavras em folhas.

A quarta oficina foi convite do professor Mário Felipe, do curso de Design de Moda de uma faculdade particular (Figura 7). O encontro aconteceu num teatro do centro de Fortaleza, durante o encerramento de uma disciplina, mobilizando a turma de 30 estudantes de diversas faixas de idade, quase todos sentados no chão, em roda, para uma vivência do bordado em folhas secas, enquanto eu novamente compartilhava as histórias do rio Cocó que tempos depois dispararam aquelas criações em folha.

Em agosto retornei à praça João Gentil, no Benfica, desta vez articulado com outras pessoas, para retomar o gesto de amarrar folhas bordadas a uma árvore, tal como fizera em 2015, porém com mais folhas. Tratou-se da ação *Árvore de afetos e desejos*, que compôs a programação de intervenções da II Semana de Arte Urbana do Benfica. A ação contou com seis pessoas, durante duas horas, sentadas algumas no chão e outras num banco, bordando palavras de desejos e afetos para a praça e o bairro, no que resultou em vinte e cinco folhas com bordados, amarradas a uma mesma árvore.

Por fim, recebi um convite de Tiago Araújo, professor da Escola do SESI/SENAI de Fortaleza, para facilitar uma oficina durante a semana cultural da instituição, que tinha como tema sustentabilidade. A oficina, intitulada *Mensagens para a Terra*, deu-se na biblioteca e surpreendeu o público de quarenta

estudantes. Compartilhei algumas das questões que aproximam artes, árvores e cidade nesta pesquisa, assim como a noção de direito à cidade, e foi bastante positivo o envolvimento dos estudantes. Produziram principalmente bordados com frases ou palavras alusivas à sustentabilidade, a despeito das dificuldades sentidas por alguns. Ao final da oficina, as folhas bordadas foram levadas para o pátio, onde as amarramos ao redor do tronco de uma árvore, semelhante ao que havia sido testado na ação *Árvore de afetos e desejos*.

Cada folha bordada na sua singularidade; todas as folhas juntas, na força do coletivo. Encontros que criam emaranhados de desejos e afetos, junto a árvores localizadas em espaços do cotidiano, como a praça perto da universidade ou o pátio da escola, forjam como somos cidades. As oficinas e as intervenções foram intensos momentos de encontro, dedicados a desenvolver ou aprimorar as sensibilidades do corpo junto à cidade, a partir do fazer em coletivo.

Plantas, caminhar-conversar e Conversações

Simultaneamente, outro modo desta pesquisa acontecer se deu tecendo conversas com artistas e ativistas. Em 2016, a partir de um convite da professora Deisimer Gorczewski, experimentei com o artista Artur Dória a proposta do “caminhar-conversar” com a turma de uma disciplina do Mestrado em Artes do PPGARTES/UFC. Em outras palavras, *caminhar-conversar* seria um encontro que transcorre com interações em movimento, num lugar específico ou num trajeto por diferentes lugares.

Os encontros “[...]pedem gestos de avizinhamento” (GORCZEWSKI; LIMA, 2017, p. 108), e esses gestos são constitutivos da vida coletiva, “[...]um princípio articulador dos heterogêneos” (ARAÚJO LIMA, 2017, p. 54). Planejar com Artur Dória o *caminhar-conversar*,

por exemplo, envolveu reuniões e conversas em prol de um certo “alinhamento” de expectativas. Levando em conta a importância do caminhar para as práticas de fotografar ocupadeiras e coletar folhas secas, o *caminhar-conversar* vem como um modo de se colocar de corpo todo na cidade, desenvolvendo e compartilhando intimidade urbana.

Agenciar encontros transdisciplinares pede iniciativa, gosto pelo risco, uma certa maturidade e a fuga de esquemas pré-estabelecidos, como sugeriu Guattari (1992). Requer, portanto, tentar contato, experimentar aproximações, tentativas nesses gestos de chegar perto, por isso a preferência pelo movimento de caminhar e conversar. Em janeiro de 2017, propus a Thiago Freitas, advogado e colaborador do Movimento Pró-Árvore¹⁸, para caminhar e conversar no Parque Rio Branco, no bairro Joaquim Távora, onde Thiago Freitas havia participado do plantio de mudas meses antes (Figura 8, a seguir). Assim como ele, os participantes da ação também eram moradores das redondezas e tinham o parque como espaço de lazer, toda semana. Desse modo, o grupo não havia simplesmente plantado uma vez e parado de ir ao local; eles estavam regularmente acompanhando os altos e baixos das espécies plantadas.

Em julho de 2017, quando o Parque Ecológico do Cocó estava em processo de expansão e regulamentação, um coletivo de ativistas convidou para uma caminhada em área de dunas do rio Cocó que não constava na poligonal proposta do parque. Guiados por um estudante de Ciências Biológicas e ambientalistas, percorremos uma trilha mais fechada para o alto de uma duna, rodeada por arbustos, árvores e muitas folhas caídas. Nesse encontro, conheci Jonh Alley Gurgel, integrante do Movimento Pró-Árvore, com quem passei a manter contato.

[18] Atuante nos últimos 10 anos, o Movimento Pró-Árvore de Fortaleza-CE já divulgou listas de espécies nativas adequadas para o plantio na cidade de Fortaleza; fez ações diretas de plantio de mudas e alguns de seus integrantes; também fazem incursões pelo interior do estado para coleta de folhas. Para mais informações, conferir <https://movimento-proarvore.wordpress.com/>

[19] Fundado em 1939 na Escola de Agronomia do Ceará (EAC), o herbário hoje integra a Universidade Federal do Ceará (UFC) no campus do Pici, em Fortaleza.

[20] Nome dado às amostras de plantas tratadas em laboratório a fim de se identificar espécie e habitat.

[21] Projeto desenvolvido no Laboratório de Artes Visuais da Escola Porto Iracema das Artes em 2018. Para mais detalhes, ver o Instagram @vegetocracia

E os convites não apenas vão, como também chegam. Em novembro daquele ano, a convite de Jonh Alley Gurgel, visitei o Herbário Prisco Bezerra¹⁹, no campus do Pici da Universidade Federal de Ceará, com Antônio Sérgio Farias Castro, outro integrante do Movimento Pró-Árvore. Mediante parceria firmada com os pesquisadores do herbário, o movimento tem acesso ao local para consultar o acervo e analisar e preparar exsiccatas²⁰. Outro encontro se deu em junho de 2018, quando visitei com Jonh Alley Gurgel e Yvanna Guimarães, professora de ioga, a Floresta do Curió, no bairro Lagoa Redonda, onde conversamos sobre memórias de infância com bichos e floresta. Para Gurgel, a relação com a natureza perpassa os mais diferentes espaços da cidade; pedia um movimento, um deslocamento entre espaços. Tendo conhecido Larissa Batalha, à época estudante de Biologia e artista, o interesse se fez em saber mais sobre a pesquisa que realizava em duas praças de Fortaleza – a praça Luíza Távora e a praça Portugal, ambas no bairro Aldeota – a fim de mapear a ocorrência de ‘plantas alimentícias não convencionais’, ou PANCs. Em agosto de 2018, convidei Larissa Batalha para conversar sobre nossas experimentações entre arte, cidade e natureza. Parte de nossa conversa abrangeu os desafios das trajetórias transdisciplinares, dos percalços que podem emergir para quem passa por uma disciplina das ciências e tenta se aproximar das artes. Um sopro de inspiração se deu em fevereiro de 2019, participando como público da atividade *Planta Ação 1 – Placas de Jardim*, do artista Jared Domício, em área verde do Centro Dragão do Mar de Arte e Cultura. A ação era desdobramento do ano anterior, quando Jared desenvolveu o projeto *Vegetocracia e a exuberância dos dias comuns*²¹, com subvenção da Escola Porto Iracema das Artes, em que realizou a jardinagem de

espécies plantadas e espécies “nascidas”, mais espontâneas. Em *Planta Ação*, Jared Domício apresentou seu trabalho e convidou os participantes a criarem plaquinhas de sinalização de jardim. Nesse encontro, conheci Fabíola Fonseca, bióloga e artista, que também conhecia Larissa Batalha. A rede de conexões, assim, foi se intrincando e sugerindo outros encontros.

Estava prevista a realização de dois encontros *ConversAções: Plantar artes | Colher cidades* no LAMUR, que são encontros que propõem inventar, com as artes, outros espaços-tempos (GORCZEVSKI; LIMA, 2017), trazendo convidados que serão “instigados” por um integrante do laboratório. Intitulada *Plantar artes | Colher cidades*, a programação abrangeu diferentes abordagens à arte, ciência, natureza e cidade. No dia 4 de junho, o encontro contou com Fabíola Fonseca, Sálvia Braga e eu na Livraria Lamarca, Benfica (Figura 8). Fabíola Fonseca apresentou experimentações de laboratório potencializadas na fotografia e na performance, como os trabalhos *Protocolo Fungo*, dedicado aos seres microscópicos na interface com tecnologia, vigilância e cidade, e o *Manual de como fazer sua mosca transgênica*, sobre o qual escreveu:

Produzimos moscas (supostamente) transgênicas para fazer essa composição entre ciência e arte. Do laboratório à galeria. Pensar nessas moscas é atritar as fronteiras que separam ciência e arte. É aproximar, é compor. É produzir outra ciência e outra arte. Esse encontro desmonta aquilo que está estabelecido e cria outras possibilidades de habitar mundos²².

Da pesquisa sobre as ‘ocupadeiras’, plantas que nascem das fissuras de construções e calçadas, conversei sobre narrativas e encontros suscitados a partir da publicação de fotografias da planta chanana e suas flores nas redes sociais

[22] Trecho do encarte distribuído na exposição *Moscas transgênicas*, em cartaz na Azougue Galeria, em Fortaleza, no mês de setembro de 2019.



Figura 8. A foto maior (acima) é de uma caminhada com Thiago Freitas no Parque Rio Branco, Fortaleza, 2017, onde Freitas havia plantado mudas. As demais fotos são do *ConversAções: Plantar artes | Colher cidades*, com Fabíola Fonseca e Sálvia Braga; e com Larissa Batalha e Jared Domício. Fonte: Acervo do autor; a segunda foto foi usada com permissão de Deisimer Gorczewski.

online. Embora seja nativa, medicinal e de flor, essa planta é retirada de canteiros, praças e calçadas por onde cresce, devido à impressão generalizada na cidade de Fortaleza de que se trata de “mato”. Com histórias sobre remédios caseiros e jardinagem de guerrilha, compus a pequena zine on-line *Chananas – itinerários urbanos colaborativos*²³.

Salvia Braga apresentou questões sobre fazer casa, ocupar e resistir que perpassam sua pesquisa no mestrado em Artes²⁴ quanto aos usos da chamada “Casa do Barão de Camocim”, no bairro Centro de Fortaleza-CE, onde realizou, entre outras intervenções, o plantio e o *Replantio* de uma espiral de ervas no jardim externo. Apresentou também outros desdobramentos, como a obra *Casa (Im)própria*, exposta em 2018 no Museu de Arte da Universidade Federal do Ceará (MAUC/UFC), com fotografias de casas onde morou na infância e fotos atuais delas, demolidas. O próximo encontro de *ConversAções* ocorreu em 16 de junho de 2019, em movimento de caminhada ao redor da praça Luíza Távora, Fortaleza (Figura 8). Larissa Batalha contou de sua pesquisa sobre as PANCs, e que havia identificado algumas dessas espécies naquele local onde estávamos. Ela também lançou questões sobre o uso e a ocupação de espaços urbanos no sentido de segurança alimentar e lazer, num contexto de desigualdade e crise, e falou também de suas experimentações artísticas recentes, dedicadas a ilustrar pássaros reais e inventados. Jared Domício apresentou questões em torno de uma sociedade vegetal colocada em analogia à sociedade humana, e as quais antecederam o projeto artístico *Vegetocracia e a exuberância dos dias comuns* e perpassam outras obras e projetos seus em residências artísticas. Na sua pesquisa, Domício mergulhou também no desafio de articular arte e ciência com saberes antigos, como a literatura hermética, e saberes rurais.

[23] Disponível em: < <http://bit.ly/zinechananas> >

[24] Dissertação *Intervenções com a Casa: do Barão, da Vila, das Artes, da Cidade*, orientada por Deisimer Gorczewski e defendida no início de 2019.

[25] Versão original em inglês do texto citado: "Our riotous presence undermines the moral intentionality of Man's Christian masculinity, which separated Man from Nature. The time has come for new ways of telling true stories beyond civilizational first principles. Without Man and Nature, all creatures can come back to life, and men and women can express themselves without the strictures of a parochially imagined rationality. No longer relegated whispers in the night, such stories might be simultaneously true and fabulous. How else can we account for the fact that anything is alive in the mess we have made?"

O encontro foi permeado por identificações botânicas e dicas de plantio de sementes. Leonardo Mont'Alverne, que esteve nos dois *Conversações*, levou sementes e ramos de plantas para tentar fazer mudas em sua casa (Figura 8, foto central à direita).

A programação *Plantar artes | Colher cidades* buscou intensificar os fluxos de saberes e fazeres entre cidade e universidade (GORCZEVSKI; LIMA, 2017), aproximando casa, laboratório e praça, no desejo de que possam reverberar em multiplicidades.

Algumas considerações

Com esse conjunto de proposições, de fotografias de ocupadeiras, de bordados com folhas, encontros e conversas, os convites para encontros e oficinas, caminhadas e conversas são gestos de avizinhamo, para que esse movimento se torne coletivo, para trocas e interações, inventando encontros transdisciplinares. Os participantes conhecem um pouco das cidades uns dos outros, seus modos de "ser cidade". Os processos de criação são agenciamentos coletivos.

As artes lançam questões e inventam modos de ver, sentir e ser, criando fissuras nas relações entre humanos e não humanos. A vida perdura e se reinventa, no chão, pelas paredes, no ar, da ruína à reconstrução. Atentos aos recantos dos espaços que ocupamos e percorremos, podemos nos deparar com incríveis redes de vida, como nos trouxe Anna Tsing, com sua pesquisa sobre o cogumelo matsutake, que se origina em troncos em decomposição em áreas degradadas e emite odor muito forte, mas que se tornou uma valiosa iguaria culinária. Dessa pesquisa, Tsing (2015, p. vii-viii, tradução nossa²⁵) analisa que:

Nossa presença tumultuosa enfraquece a intencionalidade moral da masculinidade Cristã do Homem, que separou Homem e Natureza. O tempo chegou para novos modos de contar histórias verdadeiras, para além dos primeiros princípios civilizacionais. Sem Homem e Natureza, todas as criaturas podem voltar à vida, e homens e mulheres podem se expressar sem as restrições de uma racionalidade paroquialmente imaginada. Não mais relegadas a sussurros noturnos, essas histórias podem ser simultaneamente verídicas e fabulosas. De que outro jeito poderíamos explicar o fato de que há qualquer coisa de vivo nesta bagunça que nós criamos?

Nessa bagunça instalada, sigo acompanhando folhas secas e interessado em criar experiências de encontro e convívio com as cidades que habitamos e que somos.

Ao invés de cidade versus natureza, como oposição, falemos da composição cidade-versos-natureza, em que os coengendramentos da vida se dão na forma de um estar-junto, na poética de se tornar com. Humanos e não humanos em encontro bagunçados, outamos, em devir.

As artes incidem nas sensibilidades e nos saberes do corpo, e inventam meios de fazer emergir a agência e a sensibilidade das plantas e das folhas com a agência e a sensibilidade humana. Implicados nesse processo, temos em mão a oportunidade e o desafio de (re)pensar nossas relações com o mundo a partir de encontros potentes e experimentações no cotidiano, reafirmando, com as artes, a potência da vida.

REFERÊNCIAS

- ARAÚJO LIMA, E. O. Quando o cinema se faz vizinho. **Revista Significação**, v. 44, n. 27, pp. 51-70, 2017. Disponível em: <<https://www.revistas.usp.br/significacao/article/view/125849>>. Acesso em: 30 out. 2019.
- BARROS, Manoel de. **Matéria de poesia**. Rio de Janeiro: Record, 2007.
- _____. **O guardador de águas**. 6 ed. Rio de Janeiro: Record, 2009.
- BENJAMIN, Walter. **Obras escolhidas**, v. 3. São Paulo: Brasiliense, 1989.
- BIANCARELLI, Aureliano. Estresse faz quaresmeiras florescerem mais. **Folha de São Paulo**. Cotidiano, p. 11, 03 mar. 2002. Disponível em: <<https://www1.folha.uol.com.br/fsp/cotidian/ff0303200226.htm>> Acesso em: 13 mar. 2019.
- CANÇADO, Wellington. O que diriam as árvores? **Piseagrama**. Belo Horizonte, n. 11, p. 118-125, 2017.
- CAO, B. **Environment and citizenship**. Londres; Nova York: Routledge, 2015.
- CARERI, Francesco. **Walkscapes**: O caminhar como prática estética. São Paulo: Editorial Gustavo Gilli, 2013.
- DELEUZE, G.; GUATTARI, F. **Mil platôs**: Capitalismo e esquizofrenia, v. 1. São Paulo: Ed. 34, 1995.
- DIAS, Susana (Org.) Serrapilheira – cadernos-chão-de-floresta (oficinas). **ClimaCom** – inter/transdisciplinaridade [online], Campinas, ano 5, n. 13, nov. 2018. Disponível em: <<http://climacom.mudancasclimaticas.net.br/?p=10234>>. Acesso em: 18 jan. 2019.
- GORCZEWSKI, D.; LIMA, J. M. D. A. Conversações: encontros entre as artes, a cidade e a universidade. **Vazantes**, Fortaleza, v. 1, n. 2, p. 96-113. Disponível em: <<http://periodicos.ufc.br/vazantes/article/view/20499>>. Acesso em 10 out. 2019.
- GUATTARI, Félix. Restauração da cidade subjetiva. **Caosmose**: um novo paradigma estético. São Paulo: Ed. 34, 1992. p. 169-181.
- _____.; ROLNIK, Suely. **Micropolítica**: cartografias do desejo. 4 ed. Petrópolis (RJ): Vozes, 1996.
- JACQUES, Paola B. **Elogio aos errantes**. Salvador: EDUFBA, 2012. Disponível em: <https://repositorio.ufba.br/ri/bitstream/ri/7894/3/Elogio_aos_Errantes_RI.pdf>. Acesso em: 18 jan. 2019.
- LIMAA, João Miguel D. de A. Quando artistas plantam árvores na cidade: abordando o futuro do planeta. **Praça**: Revista Discente da Pós-Graduação em Sociologia da UFPE, Recife, v. 2, n. 1, p. 108-121. Disponível em: <<https://periodicos.ufpe.br/revistas/praca/article/view/236301>>. Acesso em: 18 jan. 2019.
- LIMAB, João Miguel D. de A. Plants and trees in urban landscapes: the counter-design of non-humans. **Mapping meaning**, Salt Lake City, Utah, EUA, p. 76-84, 15 nov. 2018. Disponível em: <<https://www.yumpu.com/en/document/read/62206699/mapping-meaning-the-journal-issue-no-2>>. Acesso em: 18 jan. 2019.
- MEIRELES, Fernanda. Zines em Fortaleza (1996-2009). In: MUNIZ, Cellina (Org.). **Fanzines**: autoria, subjetividade e invenção de si. Fortaleza: Edições UFC, 2010. p. 98-110.
- MORO, Marcelo Freire *et al.* Alienígenas na sala: o que fazer com espécies exóticas em trabalhos de taxonomia, florística e fitossociologia? **Acta Botanica Brasilica**, v. 26, n. 4, pp. 991-999, dez. 2012. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/abb/v26n4/29.pdf>>. Acesso em: 12 jan. 2019.
- RESTANY, Pierre. **Hundertwasser**: o pintor-rei das cinco peles. Colônia: Taschen, 2003.
- RODRIGUES, Higor Pinto. **O ocupe Cocó e a luta popular pelo direito à cidade em Fortaleza**. 2016. 78 f. Monografia (Graduação em Direito) – Faculdade de Direito, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2016. Disponível em: <http://www.repositorio.ufc.br/bitstream/riufc/25476/1/2016_tcc_hprodriques.pdf>. Acesso em: 24 out. 2019.
- SCHUMACHER, Mauro Valdir et al. Produção de serapilheira em uma floresta de Araucaria angustifolia (Bertol.) Kuntze no município de Pinhal Grande-RS. **Revista Árvore**, Viçosa, v. 28, n. 1, p. 29-37, fev., 2004. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.1590/S0100-67622004000100005>>. Acesso em: 12 jan. 2019.
- SIMARD, Suzanne. Conversations in the forest: The roots of nature's equanimity. In: **SGI Quaterly**, n. 79, p. 8-9, jan. 2015. Disponível em: <http://www.sgiquarterly.org/assets/files/pdf/1501_79.pdf>. Acesso em: 10 jan. 2017.
- SIMMEL, Georg. [1903]. A metrópole e a vida mental. In: VELHO, Otávio Guilherme (Org.). **O fenômeno urbano**. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1973. p. 11-25.
- SPIRN, A. W. Constructing nature: the legacy of Frederick Law Olmsted. In: CRONON, William (Ed.). **Uncommon ground**: rethinking the human place in nature. Nova York; Londres: W. W. Norton & Company, 1996. p. 91-113.
- TSING, Anna Lowenhaupt. **The mushroom at the end of the world**: on the possibility of life in capitalist ruins. Princeton, EUA: Princeton University Press, 2015.